

## **O JULGAMENTO DE ZÉ BEBELO: RETÓRICAS**

Prof. Dr. Jean Pierre Chauvin  
Universidade de São Paulo – USP

**Resumo:** Em *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo espraia a combinação de espontaneidade e artifício dos jagunços em constantes lutas: por amor, poder e paz. Propõe-se demonstrar, neste estudo, que o julgamento de Zé Bebelo seja episódio-chave do romance: ponto de partida para discussões sobre determinados procedimentos discursivos embutidos no relato do narrador.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa; *Grande sertão: veredas*; Retórica; Zé Bebelo.

**Abstract:** In *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo spreads a combination between gunmen's spontaneity and artifice which are in constant struggles in search for love, power and peace. The purpose of this work it's to demonstrate that Zé Bebelo's judgment is as a key-episode in this novel: a starting point for a quarrels concerning some procedures inlaid the narrator's story.

**Keywords:** Guimarães Rosa; *Grande sertão: veredas*; Rhetoric; Zé Bebelo.

### **Espaço e fala**

Assim como não se depreende exato o que seja o Sertão, grande que é, pelo maciço, mas sim, pelas trilhas que cruzam o vasto território; assim como não se absorve esta mesma narrativa inteira, tal e qual, pela improvável memória de todas as suas palavras, há que se mapear o discurso, escolhendo-se previamente suas partes para atento exame.

Cavalcanti Proença terá sido um dos primeiros estudiosos a revelar como a escrita de João Guimarães Rosa contagia aquele que o lê, e particularmente quem se aventura a analisar o livro-sertão composto, feito rio às baldas. Há um misto de atordoamento, frente à constação do sublime que se revela, sutil, nas técnicas de composição e alinhava a narrativa, necessariamente extensa:

[Vamos] troteando sem grandeza, campo fora, por estas seiscentas páginas sem capítulos. Contínuas, mas não uniformes, imitam a região dos campos do Planalto onde se sucedem sempre, sem extremar-se, os cerrados, as matas ciliares dos rios, as abertas, as várzeas das cabeceiras com buritis e buritiranas escutando conversas

de araras e maracanãs. (CAVALCANTI PROENÇA, 1973, p. 157)

Neste trabalho, pretende-se examinar um dos lances mais notáveis do romance *Grande Sertão: Veredas* (1956). Trata-se do julgamento de José Rebêlo Adro Antunes: episódio rigorosamente épico, a ilustrar uma narrativa calcada em palavras de embate e ordem. Possível síntese da ética sertaneja, consolidada nos rumos de Riobaldo e seus companheiros, em feitos que depois se registram segundo a perspectiva do narrador envelhecido.

Em sua edição mais recente, o episódio ocupa trinta e cinco (ROSA, 2011, pp. 324 – 59) das setecentas e quarenta e nove páginas do romance, e sinaliza a a tresdobrada atenção que o narrador dera ao sucedido, quando em sua época de jagunçagem ou chefia. Deslocada pelo tempo da sua rememoração - em cabelos brancos, casado com Otacília e convertido em homem-de-rezas - a narrativa de Riobaldo (marcada por alta fabulação, alguma filosofia e constante digressão) revela dedicado préstimo aos movimentos do réu Bebelo. Um homem-o-homem, frente a frente com os maiores que averiguam a sua palavra: Hermógenes, Sô Candelário, Ricardão, Titão Passos, o próprio Riobaldo – com a licença dos Chefes presentes – e Joca Ramiro, detentor da palavra dada fatal: a sentença.

O diálogo é pontudo-esporas; áspero-viril, medido de ponta a ponta; lado a outro; parte à parte. Zé Bebelo é nascido homem valente e comandante: “Sei não ser terceiro, nem segundo.” (ROSA, 2011, p. 545). Como prenúncio de sua própria chefia, no futuro próximo, Bebelo age à revelia de seus julgadores. Dispensa o confortável do tamborete com um golpe seco e sobremira o cenho de seus eventuais carrascos com a voz empostada: elevada feito no comprimento de sua altura: homem-chefe, ainda que no estatuto de prisioneiro.

Bebelo tampouco aceita o ato de sentar-se; estar à espera: duplo sinal que revelaria intimidação ou despreparo para o enfretamento dos outros. Segue em pé. Seu gestuário, para muito além da sabida coragem dos jagunços, é engrandecido pela categórica oratória de que faz serventia, altercando as incriminações de uns - daqueles em roda - com a sua defesa,

aparentemente informal: um ser entre o espontâneo e o artifício, moralmente capaz.

Com o que, todo o mundo parado, formaram uns silêncios. Menos no mais, Joca Ramiro ia falar as palavras consagradas?

- 'O senhor pediu julgamento...' – ele perguntou, com voz cheia, em beleza de calma.

- 'Toda hora eu estou em julgamento.' (ROSA, 2011, p. 331)

Nessa confluência de palavras truncadas, em respostas de bate-pronto, reside um formidável jogo de avanços e recuos; ataques e negaceios; palavra empenhada para a lavra de uma ata sem registro, pois oralmente dada. À primeira vista, não se trata de receituário calculado, mediante conhecimento estrito de retórica - arte que é técnica -; mas de falas intercambiadas no calor do sol e da hora e momento, que revelariam, inclusive, a capacidade inconteste do narrador Tatarana de recuperar o aqui-e-agora do debate. Estamos diante de um romance que é “dispositivo de linguagem, máquina de expressão”, na síntese de João Adolfo Hansen (HANSEN, 2000, p. 43).

Uma outra fala - solta, ágil e certa – vociferada por Zé Bebelo, mal esconde muitos truques ligeiros manejados por um sujeito que ostenta demasiada coragem frente à sua condição de homem capturado pelo bando adversário. Estamos diante de uma dentre as poderosas ambiguidades do romance: consturam-se o artifício e a natureza do palavreado, simultâneos. Por isso, a pronta resposta do réu extrapola a sua condição de homem de guerra: não estamos todos nós em constante julgamento? Justifica-se, assim, o dito de Sô Candelário, na defesa de Zé Bebelo: “ – ‘Crime? ... Crime não vejo. É o que acho, por mim é o que declaro: com a opinião dos outros não me assopro. Que crime? Veio guerrear, como nós também. Perdeu, pronto! A gente não é jagunços?’” (ROSA, 2011, p. 339).

Haveria que se cogitar se homem grandiloquente, profundo conhecedor da linguagem, ato e barganha sertaneja - com sede de ambição para “relimpar o mundo da jagunçada braba” e tornar-se nobre, “o Deputado” (ROSA, 2011, pp. 175 e 176) das *Gerais* - levava as suas palavras de caso

pensado, tendo aproveitado a longa travessia entre sua prisão e julgamento. Seria, do contrário, uma sabedoria de ocasião, forrada pela longa e dura experiência de jagunçagem?

O fato é que Zé Bebelo parece contar com a ética bem própria ao universo dos guerreiros. Daí a consideração de Antonio Candido de que: “O comportamento dos jagunços (...) obedece à sua norma fundamental: a lealdade; e não há dúvida de que também para eles a carreira das armas tem significado algo transcendente, de obediência a uma espécie de dever” (MELLO E SOUZA, 2000, p. 130).

Não se esqueça de que, à medida que o narrador relembra a convivência com Zé Bebelo – como aluno, chefe e amigo – refina o seu pensar. É da perspectiva de sua velhice estável que Riobaldo retoma os valorosos conselhos do líder de provido engenho: “quando se curte raiva de alguém, é a mesma coisa que autorizar que essa própria pessoa passe durante o tempo governando a ideia e o sentir da gente” (ROSA, 2011, p. 304).

Lição aprendida. Há que se manter frio, curtido feito couro à prova de balas. Zé Bebelo é admirado por Riobaldo. Além da coragem latente e manifesta, domina como poucos o amplo vocabulário e combinação de palavras que lhe asseguraram a serventia como chefe. Disposição de palavras que o salvaram da condenação pelos homens; que promoveram sua vida em artes de guerra e cálculo – metade em favor de romper sertão e exterminar os jagunços sangrentos; metade outra em sua sanha pela carreira política em se fazer notório e justo.

### **Retórica: alguma**

Claro esteja: a maior cota de responsabilidade pelas ambiguidades que catalisam a leitura do romance cabe ao próprio Riobaldo. Ilustra-o o seu amor interdito que o repele de Diadorim *versus* o amor moral e casável que nutre por Otacília. A recusa em ser chefe, enquanto jagunço, sob ordens quaisquer, *versus* o seu antepreparo para o pacto com o demo, à meia-noite, na encruzilhada - feita de veredas, simbolicamente mortas, para o seu

renascimento. O poder e sede de comando, exercido no rigor e em prol do bem restante, *versus* a maldade violenta e gratuita de Hermógenes, Judas maior.

Eis um romance que escapa ao maniqueísmo, mas logra sê-lo: paradoxo constante. O pacto de Riobaldo, aliás, faz as vezes de poderoso rito de passagem, ancorado na “concepção de que o homem precisa atravessar o estágio da morte para poder renascer de forma nova.” (LURKER, 2003, p. 604).

Um bom orador evita a imprecisão da linguagem; combate as numerosas digressões, especialmente quando afirma contar com o aval de seu leitor. Neste aspecto, e em termos mais estritos, a palavra ganha poder da Retórica: técnica e sinônimo da arte do bem discursar. Ao mesmo tempo, *Grande Sertão: Veredas* é uma vertigem na horizontal em forma de poesia disfarçada nos contornos da prosa, que se lê mediante copo d’água ao alcance da mão.

Daí o mérito das astúcias do narrador, campeando poderes inclusive sobre o registro, entre relato e a leitura - único papel concedido ao leitor. Uma tarefa que se completa somente mediante a autorização de Riobaldo, misto de memória, pujança e punho. Os ditos do narrador, no redemoinho das digressões, ilustram um planejamento articulado pelo seu revés: “configura-se um mundo instável, em que só Deus é estático”. (CAVALCANTI PROENÇA, 1973, p. 160).

A julgar pela conduta oscilante, na tocada firme de Riobaldo - cabra de outro tempo e severo memorialista que afeta a sensação de novidade, à medida que reordena o seu passado – estaríamos diante de um sujeito dissimulado? Conforme o antigo ensinamento de Teofrasto: este seria “ o homem que, ao se aproximar de seus inimigos busca esconder que os odeia (...) ambiguidades e retratações são próprias do dissimulado” (TEOFRASTO, trad. 1978, p. 34)

Obviamente, não se pode reduzir Riobaldo à apequenada estatura do tipo, ainda que ele seja constituído em meio a uma Retórica particular. Apesar de se dizer homem simples no pensar e impulsivo no agir, Riobaldo desconcerta e improvisa. Ele conhece bem as artimanhas de que dispõem os jagunços de maior engenho e mando. Será a sua extensa fala apenas um

modo oblíquo de desqualificar, a todo instante, o seu leitor-doutor? Não se duvide de seu elevado poder de observação e mira. Tendo acompanhado as falas iniciais que antecederam o julgamento de Zé Bebelo, sintetiza: “O puro lorotal. E atrevimento, muito. Os jagunços em roda não entendiam o escutado” (ROSA, 2011, p. 332).

Jagunço-narrador, Riobaldo torna-se chefe do dito e de fato: não tolerará falhas no proceder próprio e alheio. Sujeito preciso - feito os tiros certos que alveja em árvore, gente ou bando - sua escrita, no entanto, só aparentemente carece de fixidez. Ela é, a um tempo, arcaizante e inovadora; involuntariamente erudita, no trançar de ideias com as palavras que retira das vozes suas e outras, entre o café que abrandava o bando sempre-a-postos e o guerrear que os desorganiza e recompõe as raivas totais. A exatidão no modo de agir nivela o seu inexato pensar: “falando a partir de ‘nada’, o narrador é alguém em luta com a linguagem, na travessia dos signos” (HANSEN, 2000, p. 45). Daí os constantes apelos de Riobaldo ao leitor: “Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba.” (ROSA, 2011, p. 295). Jogo de palavras? Reflexão levada a sério? Divertimento? Charada em aberto.

Porém, até que ponto podemos crer em sua incapacidade de narrar os grandes feitos ou em sua suposta inabilidade para reatar os fios que refazem a complexa trama que compartilha voluntariamente conosco? Na opinião de João Adolfo Hansen: “é a sua uma fala de dupla orientação, pois tem suspensões, paradas estratégicas, quando se volta sobre si mesma e se auto-questiona (...) a representação culta (a do ‘senhor’) está emudecida, calada, silenciada à força” (HANSEN, 2000, pp. 47 - 8)

Em rigor, o narrador parece conferir seu brilho à lição também recebida pelo jovem romano Caio Herênio: “O ofício do orador é poder discorrer sobre as coisas que o costume e as leis instituíram para o uso civil, mantendo o assentimento dos ouvintes até onde for possível.” (CÍCERO, trad. 2005, p. 55) Supõe-se inverossímil que Riobaldo dominasse as técnicas da Retórica - ainda mais a tradicional - tão afastado se encontrava dos estudos e de seu primeiro ofício, como professor (apadrinhado do rico Selorico Mendes:

seu pai, possivelmente). Entretanto, ao mesmo tempo em que ele sequer menciona ou nega o artifício embutido em seu discurso – fluente, mas digressivo feito rio violento e sob controle -, o modo como realça suas falhas para justificar as muitas continuidades da narrativa deixam à mostra justamente a riqueza e técnica de seu trabalho, no duro labor de tudo contar.

Desde que Hermógenes se aprontava para reter o primeiro dizer, durante o julgamento, Riobaldo anunciava, já, e desde aquela hora, algum desejo – depois crescente na proporção da narrativa – de liquidá-lo na base do tiro: violência imediata. Sua atitude seria mera reação frente àquele “homem todo cruzado” (ROSA, 2011, p. 335)? Seria uma reação calculada ou espontânea? Assistamos:

Observei, digo ao senhor. Carece de não se perder sempre o vezo da cara do outro; os olhos. Advertido que pensei: e se eu puxasse meu revólver, berrasse fogo nele? Se acabava um Hermógenes – estava ali, são no vão, e num átimo se via apenas era papas de sangue – ele voltava para o inferno! Que era que me acontecia? Eu tomava castigo mortal, de mão de todos? Deixasse que tomasse. Medo não tive. Só que a ideia boa passou muito fraca por mim, entrada por saída. Fiquei foi querendo ouvir e ver, o que vinha mais. (ROSA, 2011, p. 335 - 6)

O episódio interessa tanto por seu quinhão de artificial, no nível do discurso, quanto pela detida análise e síntese com que Riobaldo refaz dos homens – fossem os jagunços, fossem os seus chefes. Fato digno de nota é que, durante o julgamento de Zé Bebelo, o narrador não por acaso suspende as ricas metáforas que semeia ao longo de suas memórias. A palavra dos homens toma o lugar da natureza: imagens para a jornada. Aqui não há espaço, embora território sem fim, para o ambiente que os circunda.

Desta feita, os diálogos se incutem nos ouvidos atentos dos homens em redor. A própria lentidão com que os chefes conduzem o julgamento de Bebelo não abranda o impacto provocado pela cena; antes converte o leitor em refém da narrativa, feito jagunço irrequieto: sedento por saber da consumação, da palavra final - fatal ou salvadora, mas exata. O julgamento é uma exposição lastreada pela Retórica, acompanhada de procedimentos não-verbais: gestos,

pausas, constante ameaça de faca. Duelo que se equipara, em carga de tensão ao das palavras, poderosas, bem o vemos. A Retórica de Riobaldo obedece a leis próprias do seu conduzir.

### **Romance: total**

Cavalcanti Proença bem apurou que *Grande Sertão: Veredas* superpõe três planos: o individual, o coletivo e o telúrico-mítico. (CAVALCANTI PROENÇA, 1973, pp. 162 - 3). Acrescente-se: é sugestivo que o julgamento de Zé Bebelo – “ponto nodal” da epopeia (CAVALCANTI PROENÇA, 1973, p. 167) – localize-se, a rigor do texto, quase na metade exata do livro. A absolvição e consequente despedida do então prisioneiro, sob as garras de Hermógenes e o beneplácito de Joca Ramiro, também inaugura as falas em público de Riobaldo e sua trajetória rumo à chefia do bando. Este homem, que gradativamente passara do estatuto de professor a jagunço; que de jagunço migraria à condição de segundo homem dos bebelos; e, no tempo final, de vice-comandante a chefe: o poderoso e destemido Urutu-Branco: síntese em forma sinuosa. Homem-réptil, de peçonha reservada somente para o mais e maior, em termos de combate, amor e justiça. Nos termos de Antonio Candido:

Num plano profundo, a sucessão de chefes que morrem ou se afastam, mas em todo caso cedem lugar, poderia ser comparada a uma série de imolações, mediante as quais a energia vai se conservando no grupo até concentrar-se em Riobaldo, herdeiro que encarna significativamente um pouco de cada predecessor. (MELLO E SOUZA, 2000, p. 133).

Há, portanto, um entrecruzamento de profundas e irremediáveis mudanças, que ligam a narrativa – esta, de matriz ficcional - à estrutura própria do livro-matéria-estante de onde nos aguça: notório ardil roseano, por de trás da narrativa ambigua do dissimulado Riobaldo. Só se tem à mão o livro que se lê: conquista inicial e última. A segunda parte do romance se define na troca de palavras, demarcantes, entre os chefes e o réu Bebelo. Daí a relutância de Riobaldo, no seu recontar; a repetição de pronomes de bom e cordial



tratamento, a enfatizar (ou ironizar) a relevância mesma do leitor: “Ah, meu senhor, mas o que eu acho é que o senhor já sabe tudo mesmo – que tudo lhe falei. Aqui eu podia pôr ponto.” (ROSA, 2011, p. 390).

Porém, ajuizemos: a exemplo de essas e outras falas recorrentes, que sua memória recompõe mediante alegado custo, Riobaldo afirma uma lasca de tudo o que viu ou sabe para negá-lo em seguida. Há, ainda que involuntariamente, um poderoso artifício em sua ostensiva modéstia, já que ele age feito relator e principal testemunha dos combates e diálogos que travara. Desse modo, o próprio romance figura no redemoinho da linguagem: na imprecisa noção de tempo histórico e duração do que quer que fosse de natureza porventura psicológica. Quanto vale; quanto mede a sua leitura? É como se a experiência narrativa concedesse maior dose de magia às ações verossímeis que ocupam ou desanuviam os espaços (mapeados ou fictícios) tomados pelos jagunços, como abrigo: descanso, ataque e guarda. O romance nos espera.

As contendas entre jagunços perpassam o próprio gênero em que o livro, matéria, produto se insere: Romance? Relato? Biografia convertida em fábula? Poesia sob a pseudo geometria da prosa? Riobaldo age nos moldes de um aluno que soubesse manipular exemplarmente as lições básicas de Oratória. Ele apresenta – à sua maneira bem peculiar – as cinco partes do discurso. O romance – este - não esqueçamos, simula uma conversa com dias de duração, registrada em boa letra de forma. O orador-narrador acumula extensa e variada matéria sobre a qual discorrer (*inventio*); calcula e distribui a sucessão dos episódios (*dispositio*) numa certa ordem; ajusta seu repertório e as falas alheias, ora em sentenças totalizantes e de inimitável síntese; ora em frases amenas, lugares-comuns, de modo a assegurar a verossimilhança e a relevância dos fatos que narra (*elocutio*). Ele também dispõe de notável lembrança (memória), afeito que é às minúcias – sendo capaz, inclusive, de recompor diálogos inteiros. Por fim, pode-se vislumbrar – sendo o romance, a reprodução de um monólogo – a forma com que modera o tom de sua fala (*pronúnciação*) enquanto lemos/ouvimos o seu recontar.

Também nesse sentido, o julgamento de Zé Bebelo é revelador das muitas manhas de Riobaldo, exato e atento ao palavrório e gestos igualmente arquitetados por seus amigos, comparsas ou desafetos. De um lado, estabelece-se no discurso a posição de primazia, capitaneada por Joca Ramiro, durante todo o interrogatório. É que “Joca Ramiro tinha poder sobre eles. Joca Ramiro era quem dispunha. Bastava vozear curto e mandar. Ou fazer aquele bom sorriso, debaixo dos bigodes, e falar, como falava constante, com um modo manso muito proveitoso: - ‘Meus meninos.... Meus filhos...’.” (ROSA, 2011, p. 333)

A repetição do nome do chefe, conferindo maior força ao sujeito capaz de todos receber e tranquilizar; o sorriso que se revela e esconde, protegido pelos bigodes; a consciência de que seria proveitoso ao homem poderoso falar mansamente, para maior proveito seu e do alheio. Sabe-se: “jagunço nunca dilata.” (ROSA, 2011, p. 679). Aqui e ali quedam e restam algumas aliterações constantes: tempo da fala ou tempo de memória reinventada por Riobaldo: artifício? Em certas paragens, por exemplo, prevalecem os sons nasais, imitando na escrita o caráter macio da fala do chefe, senhor do seu discurso: “coMo falava coNstante, coM uM Modo Manso Muito proveitoso”.

Em torno desses sons, para termos de contraste e aspereza, sílabas cheias de “T”s, “D”s e “S”s. Enfim, as vogais “O” parecem compor uma tal sonoridade, que se abeira do poético: rumo ao vazio que se alastra e contagia os homens. Fala branda, cheia de sons fechados, esquecidos de sua eventual bruteza. A fala reproduz o nome que comporta o homem - jOca ramirO – equilibrado entre a expansão (na abertura das vogais) e a introspecção de cabra inteligente e arvorado (nas vogais fechadas).

Da banda de lá, claramente distintos dos chefes – estes, donos de palavra, coragem e algum garbo – aqueles inquietos jagunços estúrdios. Homens de apoio e bravura, irmanados na sina de dar paz ou combate; de matar a fome e a sede, sempre sob as ordens vindas invariavelmente de cima ou do vencedor bando contrário; de remoer a bênção divina ou o avesso da coragem, quase sempre atribuída ao diabo:

Estavam escutando sem entender, estavam ouvindo missa. Um, por si, de nada não sabia; mas a montoeira deles, exata, soubesse tudo. Estudei foi os chefes.

Naquela hora, o senhor reparasse, que é que notava? Nada, mesmo. O senhor mal conhece esta gente sertaneja. Em tudo, eles gostam de alguma demora. Por mim, vi: serenados assim, os cabras estavam desejando querendo o sério divertimento. (ROSA, 2011, p. 333).

Frequentemente, Riobaldo relativiza o alcance da palavra, quando ela é formal e distante da compreensão da maior parte dos homens naqueles mundos-vereda. Talvez ela fosse melhor compreendida pelos homens letrados, por aqueles (pre)destinados ao mando, ato e arroubos de estratégia. Ser chefe, bem entendido, realçava ainda mais a repartição dos seus homens pelo universo – sertão aquém e além. O ritmo, tanto dos galopes, quanto das águas, subjaz como fatura da própria narrativa: “o rio é figura de primeira grandeza. Há mesmo, no desenrolar da estória, uma indistinção em que ele e herói se confundem, superpondo-se, ou correndo paralelos.” (CAVALCANTI PROENÇA, 1973, p. 182).

Os jagunços detinham maior força quando reunidos, montando guarda e reza perene. Frente a determinadas situações, a sua visão individual e fragmentada do total se somava à compreensão dos demais. Abrigado pelo tempo de enunciação, Riobaldo revela seus propósitos futuros. Em sua trajetória havia que se examinar a conduta sem pressa dos chefes daquele momento; adotar o seu falar, montado em decisões e poder de julgamento, irmanando-se também ao leitor-autoridade: “No fim, o senhor me completa” (ROSA, 2011, p. 637).

A exemplo de Zé Bebelo, Riobaldo intui que há dois auditórios a lograr: o “particular” e o “universal” (PERELMAN e TYTECA, 1996, p. 34): o imediato, no tempo da enunciação; o geral, no momento da leitura do enunciado. Ele provavelmente ignorava os preceitos de Retórica, mas detinha uma oratória pessoal, fundada sob um território que era físico e linguístico e se somava à ética e à sede. Depositário de uma poderosa tradição oral, ele haveria de tomar os exemplos de seus chefes como lição. Assim, melhor

exercerá o mando. Com planejamento, montará as suas estratégias, dignas da alcunha de Tatarana.

*Grande Sertão* é narrativa centopeica que se encaminha às tantas e, ato simultâneo, dirige-nos feito estivéssemos percorrendo vereda sinuosa ao rés do chão. Segue tão rente do mundo concreto vivenciável pelos jagunços, quanto é capaz de aproximar os leitores do aroma emanado, em muito verde-Diadorim, dos buritizais. E ainda assim, estar à cata de terra e raiz não impede que se erga a visão ao alto: “Arte que espiei arriba, levei os olhos. Aquelas estrelas sem cair.” (ROSA, 2011, p. 693). Riobaldo somos nós: homens-crianças, por vezes.

Poderosas imagens se afunilam ou expandem por entre estas *Veredas*. Elas tanto assinalam o universo maior da linguagem, que mínimo conheceríamos, quanto alquebram o nosso pretense bem-viver, à prova de intempéries. Fincados que estamos em nossas imediatices urbanas, nossas travessias, maior parte das vezes, dão em fragmento, tédio e piche.

## Referências

CAVALCANTI PROENÇA, Manuel. Trilhas no *Grande Sertão*. In: *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Grifo; Brasília: MEC, 1973, pp. 155 – 239.

CÍCERO. *Retórica a Herênio*. Trad. Ana Paula Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra. [trabalho originalmente publicado entre 86 e 82 a. C.]

HANSEN, João Adolfo. *O o: a ficção da literatura em Grande sertão: veredas*. São Paulo: Hedra, 2000.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. O homem dos avessos. In: *Tese e antítese: ensaios*. 4ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000, pp. 120 – 139.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RITOS DE PASSAGEM. In: LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Trad. Mario Krauss e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 20<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

TEOFRASTO. *Os caracteres*. Trad. Daisi Malhadas e Haiganuch Sarian. São Paulo: EPU, 1978. [trabalho originalmente publicado em 319 a. C.]